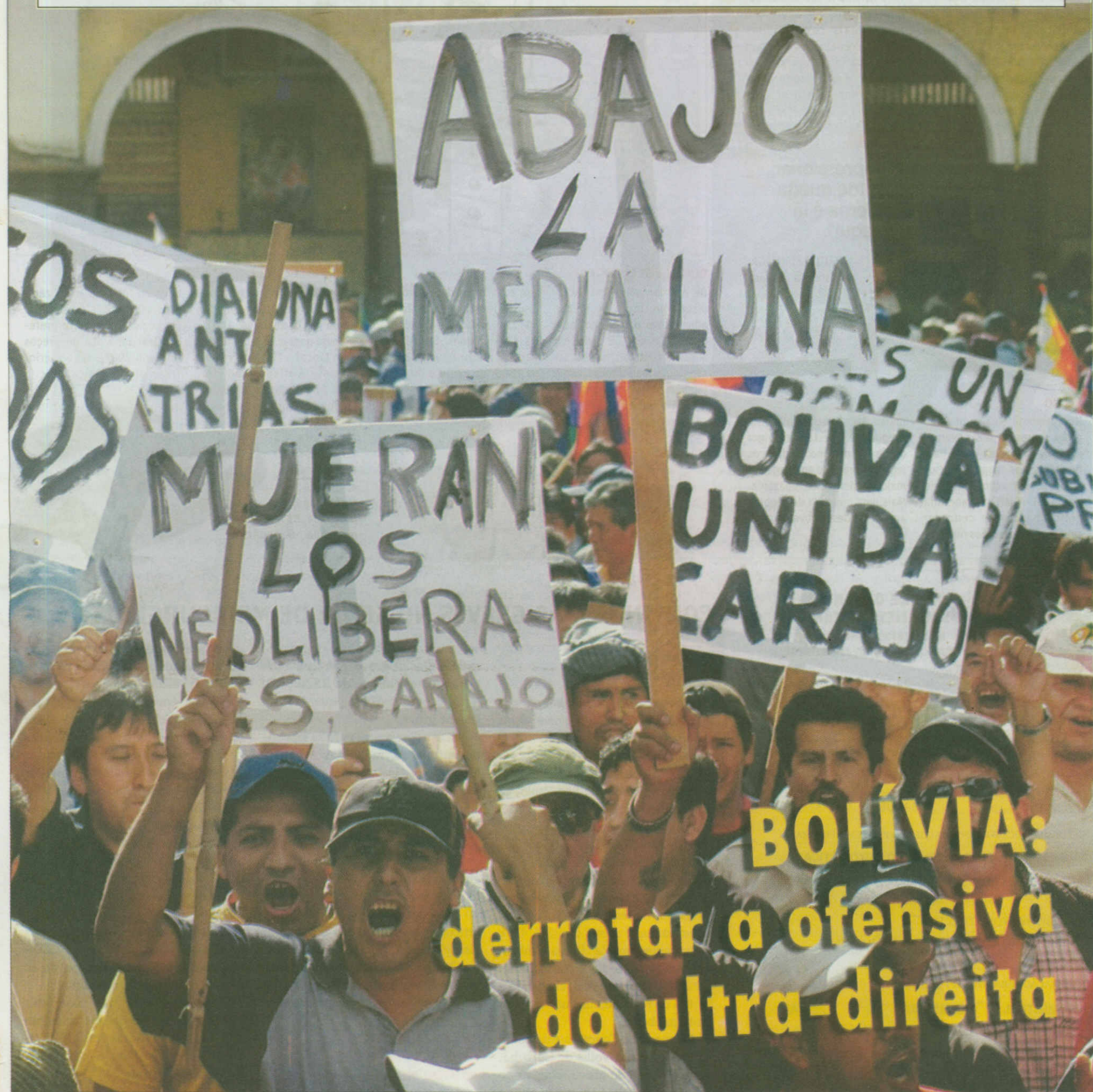
Opinião Socialista

Ano XII - Edição 354 - Colaboração: R$ 2 - De 18 a 24/09/2008 - www.pstu.org.br

BOLÍVIA: derrotar a ofensiva da ultra-direita

ELEIÇÕES: É HORA DE VOTAR NAS MULHERES TRABALHADORAS E SOCIALISTAS

Página 4 e 5

CONLUTAS REALIZA PRIMEIRA REUNIÃO NACIONAL DEPOIS DO CONGRESSO

Página 9

OS PREPARATIVOS E A CONFERÊNCIA DE FUNDAÇÃO DA QUARTA INTERNACIONAL

Páginas 10 e 11

RETORO I – Estudantes ocuparam no dia 10 de setembro a reitoria da UERJ. O movimento protesta contra o corte de verbas e exige a destinação mínima de 6% do orçamento estadual para a universidade.

RETRANTIDO II – "A pior crise dos últimos 50 anos". A frase não é de um intelectual marxista, mas de um dos mais influentes do capitalismo, Alan Greenspan, ex-presidente do FED (banco central dos EUA).

ESCRAVIDÃO E LATIFÚNDIO

Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), desde 1995 mais de 30 mil pessoas foram libertadas do trabalho semelhante à escravidão no Brasil. No mesmo período, o recorde em libertações foi do Pará, com quase 11 mil escravos resgatados, 35% do total. Em segundo lugar está o estado de Mato Grosso com aproximadamente 5 mil libertações, cerca de 16% do total. Em 2008, a pecuária foi a atividade econômica em que os casos de libertação foram mais comuns. Das 73 ocorrências, 42 foram na pecuária, ou seja, 58% do total. Em segundo lugar está a cana-de-açúcar, com 11%.

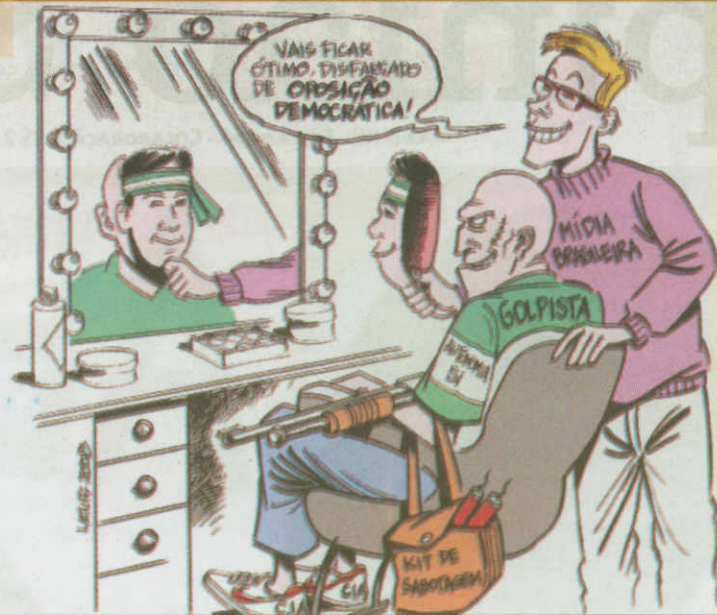
PÉROLA

"Não devemos nos impressionar com um ou dois dias [de queda na Bolsa]. E o problema é lá [nos EUA], não aqui".

GUIDO MANTEGA, ministro da Fazenda (Blog do Noblat)

RECUO

Não demorou para o governo ceder à pressão dos governadores da Amazônia Legal para flexibilizar as regras da resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN). A medida proíbe bancos de conceder crédito a proprietários rurais da região em situação ambiental irregular. A lei estava em vigor desde julho e incomodava os representantes do agronegócio, maiores inimigos da Amazônia. Mais uma prova da demagogia ambiental desse governo.

CHARGE / LATUFF

QUEM QUER DINHEIRO?

De acordo com a análise da última prestação de contas apresentada pelos candidatos a prefeito ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral), os petistas são os que mais arrecadaram e também os que mais gastaram nos dois primeiros meses de campanha nas capitais. Juntos, os 17 candidatos petistas declararam arrecadação de R$ 13,7 milhões e gastos de R$ 12,3 milhões. Depois dos petistas estão os candidatos do PSDB, do PMDB e do DEM, nesta ordem, com maior receita e despesa de campanha nas capitais.

MEU CALHAMBEQUE

Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) querem andar de carro novo. O STF planeja gastar R$ 1,6 milhão para trocar a frota de carros oficiais à disposição dos seus 11 ministros. A última compra de automóveis de luxo foi realizada há três anos. O modelo será o Omega CD australiano, ao preço de R$ 145 mil cada. O negócio deve ser fechado até dezembro. Licitação? Que nada. Em vez disso, a Corte preferiu usar uma ata de preços feita em 2007 pelo Superior Tribunal de Justiça.

CONTINUAM AS GREVES NO SETOR DE METALÚRGICOS

AMÉRICO GOMES,
de São José dos Campos (SP)

Apesar de os trabalhadores das montadoras terem obtido conquistas nesta campanha salarial, ela ainda não acabou.

Graças a paralisações nas montadoras do Paraná e de São Paulo, os trabalhadores dessas fábricas conseguiram acordos melhores.

É o caso da GM de São José dos Campos, que parou por um dia, e das montadoras do ABC (que pararam somente algumas horas), que chegaram a 11,01% de reajuste, com 3,6% de aumento real e abono de R$ 1.450. Os trabalhadores da Honda também pararam por um dia e conseguiram 6,92% de aumento real, chegando a 14,6% de reajuste, mas não tiveram nenhum abono.

Mercedes e Toyota ainda estão sem proposta. A Volks de Curitiba, com seis dias de greve, chegou ao reajuste total de 11% e um abono de R$ 2 mil em troca de três meses desse reajuste, que será pago em novembro. A Renault, depois de quatro dias de greve, ofereceu 10% de reajuste e abono de R$ 1.500, assim como a Volvo, que fez um dia de greve.

Mas as propostas para as fábricas de autopeças, máquinas e eletroeletrônicos ainda estão baixas. As empresas de autopeças ofereceram somente 3% de aumento real, o que totaliza 10,4%, sem abono.

Por isso, em São José dos Campos os trabalhadores da Bundy foram à greve e conquistaram 12% de reajuste mais um abono de R$ 1 mil.

Paralisaram suas atividades na semana passada a Bosh e a Eaton. Nesta semana, param a KS Pistões, em Campinas, e em São José a Parker Filtros. Essa realidade obrigou a CUT a votar greve nas autopeças no ABC.

MESMO COM AUMENTO REAL ERA POSSÍVEL UM ACORDO MELHOR

Um estudo do Dieese aponta que nem 1% das categorias chegaram a aumento real superior a 3%, desmascarando a fantasia criada pelo governo Lula de que os trabalhadores estão ganhando mais sob seu governo.

Mas quem luta está ultrapassando esse índice. Apesar da postura "pelega" da direção da CUT, que de início se recusou a apresentar um índice de reajuste, depois, na mesa de negociação apresentou a reivindicação de 5% e no final estava aceitando 2,5%, foi a pressão dos sindicatos do interior de São Paulo e do Paraná que fez os patrões chegarem a índices de até 3,6% e conquistaram abonos para compensar as perdas.

Foi o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e a CONLUTAS que iniciaram e forçaram as paralisações nas montadoras.

Sem dúvida, se houvesse uma mobilização unificada dos trabalhadores das montadoras com paralisações em todo o estado, o índice teria sido muito superior.

Mais do que nunca está claro que os metalúrgicos necessitam de uma nova direção.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br* - *www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-1909

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, nº 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

ALERTA AOS TRABALHADORES: A CRISE ECONÔMICA ESTÁ CHEGANDO

A maioria dos trabalhadores brasileiros acredita que o Brasil vai seguir crescendo e que escapará da crise econômica que se agrava a nível internacional. Essa falsa consciência está apoiada no crescimento econômico que ainda segue, além de ser martelada por uma forte propaganda governista.

A realidade, porém, é muito diferente. Existe uma grave crise se espalhando que vai sacudir fortemente o país. A economia capitalista funciona em ciclos, que alternam períodos de crescimento e crise.

O crescimento terminou e começou uma recessão, ainda que de forma desigual, no centro da economia planetária, nos países imperialistas.

A face mais visível da crise neste momento é a bancária. O Lehman Brothers, quarto maior banco de investimentos norte-americano, acaba de falir. O segundo deles, o Merryl Linch, foi adquirido a preços baixos pelo Bank of America porque estava também à beira da falência. A AIG, a maior seguradora dos EUA, depois de prejuízos de US$ 13,2 bilhões no primeiro semestre, está quase falida.

Os governos imperialistas torram bilhões de dólares para salvar essas empresas e evitar o contágio da economia como um todo. A burguesia aprendeu com a grande crise de 1929 e usa com toda a força o Estado para evitar a falência de todo o sistema financeiro.

Aqui desaparece toda a conversa fiada do liberalismo, da "confiança no mercado" e na "*qualidade das empresas privadas, que é superior às empresas estatais*". Só para salvar as duas maiores companhias de crédito imobiliário nos EUA (Fannie Mae e Freddie Mac), o governo Bush liberou US$ 200 bilhões. No entanto, os efeitos dessas ações são pequenos, durando apenas algumas semanas ou mesmo dias.

A recessão se instalou em setores de ponta da indústria imperialista dos EUA, como a automobilística e a de construção civil. A GM, um dos símbolos do capitalismo, a maior produtora de automóveis do mundo, discute a possibilidade de falência. Começam a aparecer sintomas graves de pânico nos bancos americanos.

O segundo trimestre deste ano marcou a extensão da recessão para Europa e Japão. A economia dos EUA voltou a crescer de forma temporária, mas voltará a cair neste segundo semestre.

A CRISE VAI SER GRAVE

Ao atingir o coração da economia mundial, é inevitável que a crise se estenda ao conjunto e atinja o Brasil. A discussão verdadeira não é se a crise vai ou não chegar ao Brasil, mas quando e em que dimensão.

Nós queremos alertar os trabalhadores que a crise virá e será grave. Em períodos de crescimento econômico são os grandes empresários, banqueiros e industriais que enriquecem ainda mais. Para os trabalhadores sobram as migalhas, como os reajustes do salário mínimo e o Bolsa Família. Basta ver a situação das campanhas salariais de agora, com os patrões tendo lucros altíssimos e se recusando a dar reajustes decentes para os trabalhadores.

Mas, quando a crise vier, a situação vai se polarizar brutalmente. É sempre sobre os ombros dos trabalhadores que a burguesia descarrega o peso das crises, com o desemprego e a redução dos salários.

Já existem os primeiros sinais da crise. Primeiro foi a inflação, que elevou o preço dos alimentos. Agora é a queda das bolsas. A Bovespa já caiu perto de 34% desde o dia 20 de maio, quando atingiu seu pico. Ou seja, as empresas da Bolsa perderam um terço de seu valor em quatro meses. No dia em que fechávamos esta edição, a Bolsa caiu 7,59%, a maior queda diária desde os atentados do World Trade Center em 11 de setembro de 2001.

Outro reflexo é a queda do saldo comercial. O saldo da balança comercial no primeiro semestre de 2008 foi de 11,3 bilhões de dólares, tendo uma queda de 45% em relação ao mesmo período de 2007. Com a recessão nos países imperialistas é inevitável que as exportações brasileiras sejam cada vez mais afetadas. A queda nos preços das matérias-primas exportadas já é uma de suas conseqüências.

A gravidade da situação bancária é um dos sinais de que a crise nos EUA será pior que a de 2000-2001. Alguns falam mesmo que será a pior desde a depressão de 1929. Vale lembrar que Lula deve sua eleição à crise de 2001, que desgastou profundamente o governo FHC. Como serão os reflexos políticos da nova crise sobre o governo Lula?

A atual campanha eleitoral é uma demonstração da farsa da democracia burguesa. O governo ainda lucra em cima do crescimento econômico e deve ganhar as eleições, já que os efeitos da crise só vão chegar depois de fechadas as urnas, no fim do ano.

Todos os candidatos do bloco governista e da oposição burguesa prometem o paraíso caso sejam eleitos. Isso já tem um claro conteúdo de manobra em condições de crescimento econômico. Na véspera de uma crise, soa como uma piada de mau gosto.

O PSTU não faz promessas eleitorais desse tipo. Defendemos que para mudar a vida nos municípios é preciso mudar a política econômica a serviço do pagamento das dívidas interna e externa. Mais ainda com a crise que se avizinha, é preciso parar de pagar a dívida para investir em saúde e educação.

O PSTU utiliza a campanha eleitoral para apoiar a luta dos trabalhadores, como agora nas campanhas salariais do segundo semestre, que podem ser as últimas antes da crise econômica que se aproxima. É preciso conquistar reajustes salariais de peso para repor as perdas da inflação passada e para se precaver contra a crise que está vindo.

Agora é que são elas

MULHERES, TRABALHADORAS E SOCIALISTAS

DA REDAÇÃO

Segundo as pesquisas, se as eleições fossem hoje, 15,38% das capitais seriam governadas por mulheres, ao invés dos 7,69% da última eleição. Isso representaria um crescimento de 100% em relação a 2004. Em Porto Alegre, por exemplo, há quatro candidatas concorrendo à prefeitura: Maria do Rosário (PT), Manuela D'Ávila (PCdoB), Luciana Genro (PSOL) e Vera Guasso (PSTU). Em São Paulo, a petista Marta Suplicy lidera todas as pesquisas.

Os números do TSE revelam, porém, que a participação das mulheres nas eleições municipais continua baixa. São 1.590 mulheres candidatas a prefeituras contra 13.699 homens.

O crescimento das mulheres nos cargos institucionais é estimulado pela campanha "Mais Mulheres no Poder", realizada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.

Mas o que significa maior participação de mulheres nas prefeituras? Por que, nestas eleições, há tantas candidatas com chances reais de se elegerem? Votar simplesmente em candidatas mulheres, independentemente de sua classe social e dos partidos a que pertencem, significa que sua vida vai melhorar?

MULHERES TRABALHADORAS E MULHERES BURGUESAS

Afirmamos sem nenhuma dúvida: a situação das mulheres trabalhadoras e pobres não vai melhorar. A eleição de um maior número de mulheres não acabará com o machismo como dizem a grande imprensa, os grandes partidos e a campanha "Mais Mulheres no Poder", apoiada pelo governo federal.

A sociedade capitalista é dividida em classes sociais e o machismo é um componente fundamental para a manutenção da exploração. É através da opressão das mulheres que o capitalismo consegue impor salários baixos e o trabalho doméstico para as mulheres trabalhadoras como forma de sustentação de uma família explorada.

Isso significa que há uma enorme diferença entre as mulheres trabalhadoras e a maioria das candidatas dos grandes partidos eleitorais, sejam da oposição burguesa (DEM/PSDB), sejam do PT e do PCdoB.

O fato de ser mulher não faz com que Marta Suplicy, por exemplo, seja igual às mulheres trabalhadoras. Ou mesmo Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, cotada como candidata à Presidência em 2010.

Sob o capitalismo, as mulheres são submetidas a baixos salários, trabalhos precarizados, muitas vezes acompanhados da mais completa falta de direitos, além da segunda jornada que são obrigadas a fazer em suas casas.

Um aspecto dramático dessa diferença de classe se dá, por exemplo, na questão do aborto. A proibição do aborto não impede que mais de um milhão de mulheres abortem clandestinamente a cada ano no Brasil. Dessas, cerca de 200 mil morrem ou ficam com seqüelas. Mas uma mulher rica dispõe de clínicas confortáveis e pode viajar ao exterior para fazer um aborto. Já a mulher pobre e trabalhadora se arrisca à mutilação ou à morte.

É obvio que Marta e Dilma não enfrentam essa realidade. Certamente, enfrentam o preconceito e o machismo, mas não precisam lavar roupa ou cozinhar. Elas pagam empregadas para isso, explorando outras mulheres. Além disso, elas e outras candidatas do PT defendem e implementam o programa econômico neoliberal do governo Lula, das reformas que acabam com os direitos das mulheres trabalhadoras. Dessa forma, Marta e Dilma contribuem para a exploração de outras mulheres e para a manutenção do capitalismo.

A experiência internacional também mostra que muitas mulheres da burguesia chegam ao poder para manter a exploração de outras mulheres. Foi o caso da ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, a "Dama de Ferro", que derrotou a greve dos mineiros em 1985 e inaugurou o neoliberalismo em seu país.

Ou de Condoleezza Rice, mulher e negra que coordena a política assassina de Bush no Iraque e no Afeganistão. Rice é responsável pela morte e pelo estupro de milhares de mulheres por soldados norte-americanos nesses países.

COMO ACABAR COM O MACHISMO?

Não há outro caminho para acabar com a opressão vivida pelas mulheres, sem acabar com o capitalismo. Por isso, a estratégia dos revolucionários na luta contra a opressão deve ser a luta das mulheres trabalhadoras contra a opressão e a exploração capitalista.

O fim da exploração significará a adoção de medidas para pôr fim à escravidão do trabalho doméstico, como a criação de creches e lavanderias públicas. Significa o fim da brutal diferença de salários entre mulheres e homens.

Para lutar contra a opressão é fundamental um combate realizado por homens e mulheres da classe trabalhadora, que devem lutar contra o próprio sistema capitalista. Para isso, é preciso marchar com a mais completa independência em relação aos poderosos, repudiando qualquer acordo que comprometa a libertação das mulheres.

PSTU

EM DEFESA DOS DIREITOS DAS TRABALHADORAS

LUTA MULHER!

Nova cara, velha dominação

Um aspecto que explica o grande número de candidatas com chances reais de se elegerem nestas eleições é o profundo desgaste da democracia dos ricos.

Um desgaste que se reflete na descrença generalizada das pessoas nos partidos e nos políticos profissionais. Os sucessivos escândalos de corrupção criaram uma imagem dos parlamentares para o povo: corruptos e oportunistas.

O desgaste da democracia burguesa aponta a necessidade de reciclar sua imagem. A corrupção generalizada que toma as instituições geralmente está associada a políticos homens.

Por isso, é preciso apresentar novidades na disputa eleitoral através de candidaturas de mulheres para renovar a política brasileira.

Com uma nova cara, mas com a mesma velha política, os corruptos são substituídos por mulheres vistas com mais confiança pela população.

Muitas vezes, a eleição de uma candidata provoca ilusões na população, especialmente entre as mulheres, que se sentem mais representadas ao ver uma mulher no poder.

Contra a exploração e o machismo:

PELO DIREITO AO TRABALHO E À SAÚDE, CONTRA A VIOLÊNCIA

ANA ROSA MINUTTI, da Secretaria Nacional de Mulheres do **PSTU**

O PSTU se orgulha de apresentar várias candidatas mulheres às prefeituras e Câmaras de Vereadores. Nossa campanha está a serviço da luta pela emancipação da mulher contra a exploração capitalista

• PELO DIREITO AO TRABALHO

Na maioria dos países as mulheres já são metade da classe trabalhadora. Porém estão nos serviços mais precarizados, sem carteira assinada e sem direitos como férias e 13º salário. No Brasil, de todas as pessoas que recebem o salário mínimo, 53% são mulheres. Sua hora de trabalho, no entanto, custa em média 14,3% a menos do que aquela paga a um homem.

- Igualdade salarial entre homens e mulheres
- Aplicação imediata da Lei 2513/07 que amplia a licença-maternidade para seis meses para todas as trabalhadoras
- Redução da jornada de trabalho no primeiro ano de vida dos filhos
- Licença remunerada para cuidar de filhos doentes
- Benefício de meio salário mínimo do Dieese por filho
- Estabilidade para as mulheres portadoras de LER/DORT, com tratamento
- Punição dos responsáveis por assédio moral e sexual, por dispensa de mulheres que engravidam e por revistas íntimas
- Creches de boa qualidade nos locais de trabalho, moradia e estudo
- Criação de mecanismos para substituição das tarefas domésticas, como lavanderias e restaurantes públicos.

• SAÚDE DA MULHER, DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

As mulheres, ao longo da história, têm sido vistas como destinadas a serem mães, como se este fosse o destino obrigatório delas. Ao mesmo tempo, não são oferecidas as condições adequadas para a maternidade ou para decidir se querem realmente ter filhos.

- Políticas de saúde pública com atendimento digno e integral às necessidades da mulher em todas as fases de sua vida e não apenas na fase reprodutiva, que dêem conta de sua diversidade (negra, jovem, lésbica, idosa, portadora de necessidades especiais)
- Toda mulher que optar por ter filhos deve ter o direito à saúde pública de boa qualidade para ela e seu filho após o nascimento
- Educação sexual para decidir sobre seu corpo
- Acesso a contraceptivos gratuitos como DIU, pílula anticoncepcional, pílula do dia seguinte, camisinha feminina e masculina etc.

- Atendimento ao aborto legal (em casos de estupro ou risco de vida da mãe) em todos os hospitais, sem necessidade de apresentação do boletim de ocorrência nos casos de estupro
- Que as prefeituras estejam junto aos movimentos de mulheres, sindicais e populares, lutando pela descriminalização e legalização plena do aborto no país

• DIREITO À VIDA E À LIBERDADE SEM VIOLÊNCIA

A violência sofrida pelas mulheres faz com que a cada quatro minutos uma mulher seja agredida. O estupro, a agressão física e psicológica, a tortura e a morte acontecem, em sua maior parte, no interior dos lares. Em briga de marido e mulher se mete a colher!

- Denúncia e punição dos agressores de mulheres
- Para defender os interesses das mulheres pobres, criação de uma polícia civil unificada com estrutura interna e democrática, com eleição dos superiores e direito à sindicalização e realização de greves em defesa de suas reivindicações
- Grupos comunitários de autodefesa encarregados de controlar e trabalhar conjuntamente com policiais nos bairros, subordinados aos conselhos populares de segurança, formados por associações de bairros, sindicatos, organizações populares e de mulheres. Todos e todas devem receber treinamento militar, de combate a incêndio, enfermagem e estarem preparados para intervir nas agressões sofridas pelas mulheres dentro dos lares
- Imediata construção de casas-abrigo, com orientação e formação profissional e infra-estrutura necessária para abrigar e assistir mulheres e filhos em situação de violência

"As mulheres representam metade da população mundial, mas participam pouco das decisões políticas. Os serviços domésticos e o machismo limitam as nossas possibilidades. Para construir uma prefeitura para os trabalhadores, temos de combinar um programa que atenda às necessidades dos setores explorados com medidas que promovam condições para as mulheres participarem das decisões políticas. Só assim será possível triunfarmos na construção de uma sociedade socialista".

ANA PAGAMUNICI, candidata à Prefeitura de Maringá (PR)

"Nossa proposta é chamar as mulheres trabalhadoras a lutar por creches públicas nos três períodos, casas-abrigos para mulheres vítimas de violência pela legalização do aborto, mas explicamos que essa luta está intimamente ligada com a luta pelo fim do capitalismo e pela construção do socialismo."

JOANINHA, candidata à Prefeitura de Florianópolis (SC)

"As mulheres não podem ter independência num país onde seu salário é menor que o dos homens, sem direito à moradia, educação e saúde. Não há independência num lugar onde as mulheres sofrem violência, sobretudo as negras, e não são protegidas pelo Estado."

VERA LÚCIA, candidata a prefeita de Aracaju (SE)

"Não basta ser mulher. Infelizmente, temos várias candidaturas de mulheres que não refletem um programa que interesse às mulheres. Só a Frente de Esquerda manteve a independência política em relação às empresas e, por isso, pode apresentar um programa independente em defesa dos interesses dos trabalhadores, especialmente dos oprimidos, dos mais explorados."

VERA GUASSO, candidata a prefeita de Porto Alegre

PELA IMEDIATA APLICAÇÃO DA LICENÇA-MATERNIDADE OBRIGATÓRIA SEM ISENÇÃO FISCAL E PARA TODAS AS TRABALHADORAS

JANAÍNA RODRIGUES, do Movimento de Mulheres da CONLUTAS

Foi aprovada na Câmara de Deputados no dia 13 de agosto a extensão da licença-maternidade de quatro para seis meses, sancionada esta semana pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e prevista para entrar em vigor em 2010.

O projeto, apresentado pela senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), propõe que a extensão da licença-maternidade seja facultativa às empresas, ou seja, dependendo de negociação entre patrões e trabalhadoras, e garante a isenção fiscal no Imposto de Renda.

Isso abre espaço para que as negociações se estendam sobre os direitos já adquiridos, flexibilizando direitos como pretende a reforma trabalhista do governo. Esse projeto foi sancionado por Lula, porém com veto a um dos artigos que previa que as micro e pequenas empresas inscritas no Simples pudessem ter os abatimentos fiscais que as demais empresas vão receber.

A luta pela ampliação da licença-maternidade é uma bandeira histórica das mulheres trabalhadoras. Contudo, o projeto aprovado não garante a obrigatoriedade da licença-maternidade ao trazer embutida a isenção fiscal, só para grandes empresas.

Além disso, as mulheres que trabalham no setor informal ou nas micro e pequenas empresas, apesar de serem a grande maioria, continuarão sem a possibilidade do benefício.

Precisamos unificar todas as mulheres trabalhadoras e suas organizações para fazer valer esse direito e exigir do governo Lula e dos governos estaduais e municipais a imediata aplicação da licença-maternidade obrigatória, sem isenção fiscal e garantida pelo Estado a todas as

BOLÍVIA: derrotar a ofensiva da ultra-direita da Meia Lua

LIT CONVOCA CAMPANHA INTERNACIONAL para derrotar a ameaça fascista no país

SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

A Bolívia vive momentos de enorme tensão com a ação violenta e em larga escala de grupos armados de direita. São os chamados "comitês cívicos" dos quatro departamentos da região da Meia Lua (Santa Cruz, Tarija, Beni e Pando) e a União da Juventude Cruzenha (UJC).

Esses grupos tomaram as ruas, provocaram a explosão de algumas instalações de gás e gasodutos, ocuparam prédios públicos, perseguem e aterrorizam dirigentes sindicais e populares e chegaram a atacar marchas de camponeses, causando a morte de 14 deles e dezenas de feridos.

Os bandos de ultra-direita têm um objetivo claro: garantir a permanência no poder dos departamentos da Meia Lua, impondo pela força o total controle sobre essa parte do país. De imediato, querem obrigar o governo a suspender o referendo convocado por Evo Morales sobre o projeto da nova Constituição aprovado pela Assembléia Constituinte e revogá-lo.

Esse setor burguês de ultra-direita tem muitas características fascistas: utiliza métodos de guerra civil contra os movimentos operário, camponês, indígena e popular; é profundamente racista e destila um ódio brutal contra a maioria indígena do país; é dirigido pelo setor burguês mais poderoso do país, que tenta tomar a renda do gás e mobiliza setores de massas da classe média e a pequena burguesia contra as massas populares. As ações da ultra-direita buscam aterrorizar e paralisar o movimento de massas e impor seus objetivos pela força, contra a vontade popular manifestada através da luta e nas votações.

A burguesia e a direita da Meia Lua se escondem por trás do pedido de um suposto direito de "autonomia", com o qual ameaçam dividir o país. Esse falso direito de uma "autonomia" reacionária e pró-imperialista busca apenas poder entregar as riquezas naturais de sua região diretamente ao imperialismo e aos países mais fortes do continente, como o Brasil. Só querem ficar com uma fatia maior do que a que recebem hoje, já que não teriam que dividir essa parte com a burguesia de La Paz. Ao mesmo tempo, se livrariam do "altiplano pobre" e de suas "massas revoltosas".

Por trás desse movimento da ultra-direita estão as mãos do imperialismo americano, que estimulou todo o processo através de seu embaixador, Philip Goldberg. Dias antes das ações, esse senhor recebeu os principais líderes dos comitês cívicos da Meia Lua para discutir e apoiar suas ações assassinas. O interesse do imperialismo é garantir, a qualquer custo, o controle de importantes reservas de hidrocarbonetos e, ao mesmo tempo, acabar com o processo revolucionário boliviano, uma referência para toda a América Latina.

POR QUE A ULTRA-DIREITA SE FORTALECE?

É um fato que a ultra-direita, com seus métodos fascistas, cresce aceleradamente e já controla parte do país, ameaça a produção de gás (a riqueza mais importante da Bolívia) e está se impondo diante da paralisia do governo.

Como é possível que isso ocorra num país que viveu nesses últimos anos duas revoluções que derrubaram governos de direita? Como pode ter tanta força esse movimento num país onde, há menos de dois meses, o presidente obteve quase 70% dos votos para confirmar seu mandato num referendo revogatório?

A única explicação possível é a política conciliatória do governo. Evo Morales se recusa a reprimir o movimento de ultra-direita e a mobilizar as massas contra suas ações. No entanto, há pouco tempo o governo não duvidou em reprimir duramente a luta dos mineiros de Huanuni em defesa de suas aposentadorias e outras reivindicações, matando vários operários nessa ação.

A todo momento, Evo busca acordos ou pactos com a burguesia da Meia Lua para governar conjuntamente o país. Com a desculpa de "não derramar sangue", o governo nega-se a mandar tropas para todos os departamentos e recuperar os edifícios públicos ocupados. Aceita inclusive ceder às exigências da ultra-direita em temas como o referendo sobre a Constituinte ou os impostos.

Com essa política, Evo deixa campo aberto para que a ultra-direita, através da ação direta, se levante e se fortaleça cada vez mais, ocupando o vazio de poder deixado pelo governo. Pior ainda, paralisa e desmoraliza uma possível reação das massas que seriam a única força capaz de enfrentar e derrotar a ultra-direita.

NÃO HÁ DISCUSSÃO COM QUEM USA MÉTODOS FASCISTAS! É NECESSÁRIO DERROTAR A ULTRA-DIREITA PELA FORÇA!

Não há conciliação possível com um setor que busca esmagar a classe operária, camponeses e indígenas e os submeter pelo terror à mesma situação de miséria e superexploração que viveram durante 500 anos.

A ultra-direita, que utiliza métodos fascistas, só entende uma linguagem: a da força. Basta de conciliação! Exigimos que o governo e o Exército reprimam e ponham na prisão os grupos de ultra-direita que ocupam edifícios públicos! As instalações de gás são um patrimônio do povo boliviano. Prisão para os ultra-direitistas que as ocupam e as sabotam! Julgamento e castigo para os assassinos de camponeses! Dissolução imediata da União da Juventude Cruzenha e dos comitês cívicos, que devem ser colocados na ilegalidade! Não à divisão da Bolívia!

QUE A COB LIDERE UMA FRENTE ÚNICA DE OPERÁRIOS, CAMPONESES E SETORES POPULARES PARA DERROTAR A ULTRA-DIREITA!

Os últimos embate mostram que não há nenhuma garantia de que o governo de Evo e as Forças Armadas queiram enfrentar e derrotar os grupos da direita organizada. Só a classe operária, à frente das massas camponesas, indígenas e populares, pode fazer isso.

É necessário retomar a gloriosa tradição dos mineiros na Revolução de 1952, nas mobilizações de 1985 e nos levantes triunfantes de 2003 e 2005, quando operários e setores populares enfrentaram e derrotaram a repressão armada nas ruas.

Saudamos o chamado da direção ampliada da COB (Central Operária Boliviana) para uma Marcha Nacional no dia 16, bem como a exigência a Morales de que abra um julgamento de responsabilidade e decrete a prisão dos prefeitos da Meia Lua e das lideranças dos comitês cívicos e a decisão de preparar um ampliado nacional da COB em Santa Cruz.

Mas é necessário ir além. A COB deve fazer um chamado a todos os sindicatos, organizações camponesas, populares e democráticas a formar uma grande frente única para enfrentar a ultra-direita por meio da ação direta.

Não se pode enfrentar esses grupos de direita só com palavras ou atos públicos. É necessário defender-se desses bandos utilizando métodos de ação direta nas ruas. É urgente que os sindicatos e as organizações camponesas organizem milhares de grupos de autodefesa entre mineiros, camponeses, operários e setores populares. Exigimos que o governo apóie e dê os meios necessários para que esses grupos se defendam dos bandos da ultra-direita.

A COB e as organizações camponesas, populares e indígenas devem chamar a greve geral, acompanhada de uma grande mobilização nacional de massas para derrotar a direita. Essa convocação à mobilização deveria incluir de modo destacado um chamado à classe operária e aos setores populares dos departamentos da Meia Lua a levantar-se contra a burguesia e os latifundiários que os exploram e os oprimem. Só a classe operária e os explorados da Bolívia podem unir o país contra a burguesia divisionista.

Só retomando mobilizações é possível fazer valer a "agenda de outubro", que propõe lutar pela expropriação dos latifundiários do oriente boliviano. Terra aos camponeses e indígenas! Por uma verdadeira nacionalização do gás e das mineradoras, sem indenização às empresas imperialistas!

TODO APOIO AO POVO BOLIVIANO PARA DERROTAR A AMEAÇA FASCISTA!

O movimento operário de todo o mundo, principalmente o da América Latina, os camponeses e indígenas de nosso continente, os estudantes e todos os povos que lutam contra o imperialismo não podem deixar o povo boliviano sozinho.

É urgente que todas as organizações sociais se pronunciem o mais rápido possível em repúdio às ações violentas e às tentativas golpistas da burguesia da ultra-direita da Meia Lua. É vital fazer chegar nossa solidariedade até a classe operária e os setores populares da Bolívia através de suas organizações. Façamos uma grande campanha de solidariedade que os ajude a enfrentar e derrotar as forças de ultra-direita!

13 de setembro de 2008

NÃO AOS ACORDOS COM A OLIGARQUIA DA MEIA LUA!

Só a mobilização permanente dos trabalhadores pode derrotar a ultra-direita

JOALLAN CARDIM E NERICILDA ROCHA
de La Paz

A população boliviana assistiu a vários dias de violentos ataques da ultra-direita que paralisaram o país. Seus bloqueios e grupos de choque impediram o transporte de alimentos entre as regiões e ocuparam as instituições do Estado nos quatro departamentos. A ultra-direita tomou as principais instituições federais, como o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), o Serviço de Impostos Nacionais (SIN), a Empresa Nacional de Telecomunicações (ENTEL), o canal estatal de televisão boliviano, aeroportos, a Superintendência de Hidrocarbonetos e as distribuidoras de gás.

Os bandos fascistas dos "cívicos" disseminaram o ódio, o terror e agressões aos indígenas em toda a região. Na sexta-feira, dia 12, culminaram com um verdadeiro massacre, quando a ultra-direita mostrou sua sanha assassina contra os camponeses e o povo indígena em Porvenir, com cerca de 30 camponeses mortos e centenas de feridos e desaparecidos.

Mesmo depois de tudo isso, o governo Evo continuou com sua política de conciliação e convocou um diálogo aceito pelos dirigentes dos cívicos. Quando fechávamos esta edição, estava se realizando uma reunião da UNASUL (união dos países sul-americanos) no Chile, convocada especialmente para intermediar a situação boliviana.

À primeira vista, segundo a imprensa, as tensões estariam diminuindo e haveria uma melhoria da situação, com a volta da paz e da ordem. O governo boliviano acaba de declarar o estado de sítio em Pando e os "cívicos" declaram que não vão se opor, até prometeram tirar os grupos armados que ocupavam abertamente as ruas.

Essa aparência de calma não deve iludir as massas bolivianas nem latino-americanas. A direita se fortaleceu e aceitou a negociação porque o governo e a UNASUL sinalizaram que aceitam a essência de sua pauta de exigências. O perigo é que o movimento operário, camponês e indígena da Bolívia fique adormecido por esse novo chamado ao diálogo e acredite que se pode conviver em paz com os assassinos da ultra-direita da oligarquia da Meia Lua.

QUAIS SÃO AS PROPOSTAS DE ACORDO?

O acordo em processo, segundo a imprensa, giraria em torno da devolução da parte do IDH (imposto sobre os hidrocarbonetos) que Evo vem destinando a um fundo para idosos; uma autonomia qualitativamente maior, que na prática repassaria os principais poderes de Estado para os "prefeitos" (governadores) da Meia Lua; uma mudança no projeto da Constituição que lhes garanta essas exigências.

Ou seja, todos os objetivos do movimento dos cívicos foram aceitos pelo governo Evo "sem exigir nada de entrada", nem mesmo o desarmamento das milícias. Caso se confirme esse acordo, isso representará uma vitória clara da direita, que imporia todas as suas exigências.

Há ainda questões a serem negociadas. Por exemplo, o governo fala em processar o prefeito de Pando, responsável pelo massacre de camponeses. Pelas declarações de Mario Cossio, o prefeito de Tarija que fez a primeira reunião com o governo de Evo, tudo tem sido encaminhado de modo a superar diferenças e problemas.

A direita boliviana quer o poder de Estado, e essa negociação não muda sua estratégia. Ela aceitaria parar a ofensiva temporariamente (pois sai vitoriosa com sua base de massas e seus bandos intocados) e com isso vai acumulando força seja para uma divisão do país, seja para uma tomada do poder mais adiante. Isso é, planejam chegar ao poder por um golpe ou até por uma via eleitoral após um desgaste maior do governo Evo.

A direita mantém sua base de massas em Santa Cruz e na Meia Lua e todo seu dispositivo militar. Mantém o controle de várias instituições federais na região, tais como as estradas e os aeroportos das cidades de Santa Cruz, Beni, Pando, Tarija e Sucre. A extrema-direita consolidou seu poder no oriente da Bolívia, depois de tirar daí as forças federais. Na prática se legaliza um duplo governo na Bolívia, com o oriente do país controlado por essa burguesia ultra-direitista.

A POLÍTICA DE CEDER À DIREITA PREPARA NOVAS E GRAVES DERROTAS DO MOVIMENTO

Durante a ofensiva, o governo descartou qualquer medida de enfrentamento com a oligarquia e anunciou que apelaria a todos os instrumentos legais e constitucionais. "*Se há movimentos sociais que estão respondendo às provocações, nós lamentamos porque não nos levará a nenhuma parte. Nossa resposta é pacífica*", afirmou o ministro do Trabalho, Walter Delgadillo.

A atual situação demonstrou, porém, que os métodos legalistas não passam de letra morta quando se trata de enfrentar bandos com métodos fascistas. Parece justo para qualquer trabalhador a idéia de evitar na medida do possível o derramamento de sangue. Mas o sangue dos camponeses já corre e os indígenas foram e continuam ser humilhados e espancados pelos grupos de choque racistas que vão ficando mais ousados ante sua impunidade.

Durante a ofensiva, até mesmo os integrantes da base das Forças Armadas que reagiram contra os bandos foram humilhados e até agredidos, conseqüência de seguir as instruções de sua cúpula e do governo: não reagir perante as agressões dos bandos da Meia Lua.

Para o movimento de massas fica a questão: como evitar o assassinato de trabalhadores desarmados pelos bandos racistas armados? Como defender os camponeses e trabalhadores para garantir sua vida e as liberdades democráticas, se nem o governo nem nenhuma organização do movimento os preparou? O que devem fazer aqueles que resistem aos bandos fascistas em Santa Cruz, como no Plan 3000 (bairro pobre da região)?

A direção do movimento tem que mudar. Deve alertar para a gravidade e o perigo representados pelos bandos do oriente. Deve preparar a resistência com os métodos de autodefesa e unir os esforços de todo o movimento de massas para derrotar a direita. Deve exigir do governo que puna os assassinos e prenda os dirigentes. Antes que seja tarde, é necessário reagir à altura.

Só a organização e a mobilização podem derrotar a ultra-direita

Nos departamentos onde ocorreram os conflitos, os camponeses mostraram estar dispostos a protagonizar uma heróica resistência. Mais de dois mil camponeses de Cochabamba iniciaram bloqueios das rodovias em direção a Santa Cruz. A COB definiu organizar uma mobilização nacional para o dia 16 e a realização de uma assembléia nacional das organizações operárias e camponesas na cidade de Santa Cruz.

Lá, várias organizações populares e da juventude operária, especialmente nos bairros pobres, se organizaram para responder aos ataques dos grupos fascistas. "Que venham! Vamos enfrentá-los", disse um jovem que, junto a seus companheiros, expulsou a UJC da região. No bairro Plan 3000, os moradores, cuja maioria é de origem indígena do altiplano, organizaram uma vigília diária para impedir os bandos fascistas de atacar suas casas.

Mas não bastam as ações isoladas. É necessário que a COB assuma esse chamado à organização da unidade em nível nacional das organizações operárias, camponesas e da juventude e dos comitês de autodefesa. É necessário agora tirar as lições desse processo e exigir o desarmamento e a prisão dos chefes da ultra-direita. Só a ação direta, com mobilizações massivas e a autodefesa armada do povo, poderá derrotar os bandos armados a serviço da burguesia. Essa lição é ainda mais necessária agora que os acordos indicam que eles permanecerão armados e impunes.

Por outro lado, devido à capitulação do governo, o caminho da Constituição e do referendo para enfrentar os problemas de fundo dos trabalhadores está afastado. É necessário apontar o caminho da ação direta, que unifique o movimento de massas. Um plano de luta que construa uma paralisação nacional para enfrentar esses setores e o imperialismo e exigir que Evo cumpra a "agenda de outubro" da revolução de 2003. Ou seja, que expropríe os grandes latifúndios do oriente e distribua terras aos camponeses, nacionalize todas as agroindústrias que especulam com a fome dos bolivianos e estatize sem indenização todos os recursos naturais e expulse as multinacionais do país.

LULA FAZ O JOGO DA ULTRA-DIREITA

JEFERSON CHOMA, da redação

Mais uma vez o governo Lula vem atuando como falso bombeiro da crise política boliviana. No início, o Itamaraty divulgou nota em que dizia acompanhar "com grande preocupação a evolução dos acontecimentos na Bolívia" e lamentar *"o recrudescimento da violência e dos atos de desacato às instituições e à ordem legal"*.

Na nota, embora o condene a possibilidade de um golpe na América Latina, o governo brasileiro pede a *"todos os atores políticos" no país "que exerçam comedimento, respeitem a institucional idade democrática e retomem os canais do diálogo e da concertação, na busca de uma solução negociada e sustentável"*. Traduzindo a linguagem diplomática, o governo brasileiro defende que Evo Morales faça concessões à burguesia da Meia Lua.

Não há, porém, uma só condenação explícita aos protestos da oligarquia boliviana, sequer uma condenação às ocupações, à destruição dos prédios públicos ou ao assassinato de camponeses pelos bandos fascistas. A razão dessa omissão é justificada pela política de "não ingerência" do governo brasileiro nos assuntos internos da Bolívia.

Mas a verdadeira posição do governo brasileiro sobre a crise apareceu na declaração de Marco Aurélio Garcia, assessor especial de Relações Exteriores do Palácio do Planalto, ao jornal "O Estado de S. Paulo" de 17 de setembro. *"Marco Aurélio disse que, na avaliação do Planalto, um aspecto negativo e outro positivo foram constatados na crise boliviana nas últimas horas. O negativo foi a ordem de prisão para o governador de Pando, Leopoldo González. O positivo, disse ele, foi o estabelecimento de uma agenda de negociação entre governo e oposição em torno de três pontos: mudanças no projeto constitucional, autonomia de Estados e impostos. 'Isso significa que hoje existe uma negociação em andamento', afirmou Garcia"*.

É muito grave a posição do governo Lula. Qualquer concessão à sabotagem da oligarquia da Meia Lua significaria, na prática, uma vitória política da direita boliviana que sairia fortalecida da crise atual e poderia no futuro preparar novos enfrentamentos contra La Paz.

Mas, ansioso pela negociação, Marco Aurélio chega a defender as principais reivindicações da direita boliviana, considerando positivo que o governo Evo realize *"mudanças no projeto constitucional, autonomia de Estados e impostos"*. Quanto a prender e punir os assassinos e seus mandantes, Marco Aurélio afirma que é algo "negativo". Ou seja, o assessor de Lula exige que Evo capitule completamente à direita.

Depois o governo confirmou sua presença na Unasul (conferência dos países sul-americanos para discutir a crise), mas só após obter a garantia de que a conferência ocorreria com a concordância do governo e da oposição de direita boliviana. "Não temos o direito de tomar nenhuma decisão sem que haja uma concordância do governo boliviano e da oposição", declarou Lula. O que significa tal declaração? Lula está apoiando as ações criminosas da oligarquia da Meia Lua contra os trabalhadores e o governo boliviano?

A resposta do governo Lula para a crise mostra a política da burguesia brasileira, que apóia os autonomistas da Meia Lua. Ocorre que o Brasil atua como um país que oprime a Bolívia e se aproveita de suas riquezas em parceria com o imperialismo norte-americano. Na área do gás, a maior multinacional que atua na Bolívia é a Petrobras, que controla 20% do PIB do país. Mais de 35% da soja boliviana, produzida justamente em Santa Cruz, está nas mãos de fazendeiros brasileiros, que cultivam 350 mil hectares de soja por ano, atraídos pelo baixo preço da terra (em média seis vezes menos que no Brasil). Há relatos da participação de jagunços brasileiros nos massacres dos camponeses bolivianos. Algo que foi denunciado até pelo governo boliviano.

Os trabalhadores brasileiros e os movimentos popular, sindical e estudantil não podem aceitar a política de Lula de apoio à direita boliviana. É preciso mostrar solidariedade aos trabalhadores e camponeses da Bolívia.

Conlutas apóia luta do povo boliviano contra a ultra-direita

Na reunião da Coordenação Nacional da Conlutas realizada nos dias 13 e 14 no Rio de Janeiro, a crise da Bolívia foi muito debatida pelos delegados e delegadas.

Os participantes aprovaram por unanimidade uma moção e a realização de uma campanha nacional urgente que denuncie a direita boliviana e apóie a luta dos trabalhadores bolivianos. "Todo apoio à COB (Central Operária Boliviana), que está à frente das lutas e convocou uma marcha para esta terça-feira, dia 16, e está exigindo do governo que apure as responsabilidades e mande prender os prefeitos da região de Meia Lua e os dirigentes dos comitês cívicos. É necessário que a COB chame a unidade imediata dos trabalhadores, dos camponeses, dos indígenas e populares para defender a soberania do povo boliviano contra os ataques da direita imperialista daquele país.

A Conlutas manifesta todo o seu apoio à luta do povo boliviano. Esta luta é nossa também!", conclui a moção.

PROTESTOS

A Conlutas está chamando e se incorporando a uma série de ações em defesa do povo boliviano. Serão realizados vários atos pelo país, como em São Paulo.

A defesa do povo boliviano e a luta contra os ataques da ultra-direita também é um dos eixos principais da jornada continental de lutas de 12 a 16 de outubro, aprovada pelo Encontro Latino-Americano dos Trabalhadores (Elac). Já foram organizados atos em apoio ao povo boliviano, no último dia 15, na Argentina e no Uruguai.

SÃO PAULO
QUINTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO, ÀS 17H
Em frente ao Consulado-Geral da Bolívia em São Paulo. Av. Paulista, nº 1439.

DIEGO CRUZ

COORDENAÇÃO NACIONAL FAZ NO RIO SUA PRIMEIRA REUNIÃO APÓS CONGRESSO

***DIEGO CRUZ**, enviado especial ao Rio de Janeiro*

Nos dias 13 e 14 de setembro a Coordenação Nacional da Conlutas realizou no Rio de Janeiro sua primeira reunião após o primeiro congresso da entidade. O local escolhido para a reunião foi a capela do campus da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), a poucos metros da reitoria ocupada pelos estudantes no último dia 10. Os estudantes lutam contra a precarização do ensino.

Foi nesse palco de mobilização que 293 dirigentes sindicais e ativistas de movimentos sociais, populares e estudantis se reuniram para avançar na organização da Conlutas e definir seus próximos passos. Ao todo foram credenciados 168 delegados com direito a voto, sendo 137 representantes de sindicatos, 5 de minorias sindicais, 14 oposições, 4 movimentos populares e 8 entidades estudantis. Essa reunião da Conlutas já funcionou sob os novos critérios de delegados aprovados pelo congresso, que levam em conta o peso social de cada entidade.

A reunião da Conlutas também mostrou que o processo de reorganização se amplia. Participaram da reunião, entre outras entidades, a Assam (Associação de Solidariedade e Ajuda Mútua dos Trabalhadores da Construção Civil de São José dos Campos e região), fundada sob tiros e agressões de capangas a serviço de empreiteiras e da CUT. Metroviários do Rio também compareceram como convidados, a fim de conhecerem a Conlutas. Em plena reunião foi anunciada e bastante aplaudida a ruptura do Sindiupes (Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública do Espírito Santo) com a CUT.

PLANO DE LUTAS E CONSTRUÇÃO DA UNIDADE

O primeiro dia da reunião foi dedicado à discussão sobre a situação nacional e internacional. O agravamento da crise e seus efeitos no Brasil foram um dos temas discutidos. *"Aquilo que foi o crescimento mundial nos últimos anos vai se transformar numa queda significativa"*, afirmou Atnágoras Lopes, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém do Pará. Tal tendência já teria se refletido no país na inflação dos alimentos.

Diante desse quadro de proximidade da crise, aumenta a criminalização dos movimentos sociais e o banditismo sindical. Exemplos disso foram os ataques aos operários da Revap em São José dos Campos (SP), que lutavam contra a Petrobras e a CUT, assim como o recente atentado contra o diretor do Sindicato dos Rodoviários de Macapá (AP), Joinville Frota (leia mais na página 12) e a campanha da CUT e do governo contra o Andes.

Para lutar contra esses ataques, é necessária a unificação das mobilizações das categorias. *"Precisamos canalizar todas as ações das categorias mobilizadas, construindo uma forte jornada de luta"*, defendeu Atnágoras.

Junto a isso, a Conlutas coloca em prática o que foi aprovado pelo congresso e procura todos os movimentos e entidades dispostos a avançar na formação de uma única alternativa de luta. *"Apesar dos nossos reiterados apelos, até agora não houve nenhuma reunião formal que avançasse nesse processo"*, informou José Maria de Almeida, o Zé Maria. A Conlutas, porém, segue com o esforço de chamar a unificação, em especial com a Intersindical.

Já com relação à unificação das mobilizações, foi informada a realização de uma reunião no início de agosto reunindo diversos setores, como Conlutas, Intersindical (APS, CSOL, ASS, Enlace, PCB), MST, Assembléia Popular, MTL, CCLCP, Pastoral Operária e MTST. Ela definiu ações conjuntas para o semestre em torno às campanhas salariais (por aumento dos salários e gatilho salarial), pela diminuição e congelamento dos preços dos alimentos, pela redução da jornada de trabalho. Aprovou também a luta contra a criminalização dos movimentos sociais.

A reunião da Conlutas reafirmou a realização de uma jornada de lutas de 12 a 16 de outubro, aproveitando a mobilização aprovada pela Via Campesina no dia 16 e a indicação do Elac (Encontro Latino-Americano e Caribenho de Trabalhadores) de promover ações contra o imperialismo nessa mesma semana. Os delegados definiram procurar esses setores nas regiões, a fim de impulsionar também nos estados ações conjuntas.

REUNIÃO ELEGE SECRETARIA EXECUTIVA

Um dos principais pontos da reunião foi a eleição da nova secretaria executiva, aprovada pelo congresso para substituir o grupo de trabalho de secretaria. Será responsável por implementar no cotidiano a política definida pela Coordenação.

A nova secretaria dará maior agilidade à aplicação da política definida pela coordenação no dia-a-dia. *"A secretaria executiva, apesar de fundamental, não substitui a direção política da Conlutas. Esse papel continuará sendo da Coordenação Nacional, que se reúne a cada dois meses e conta com a representação das entidades sindicais, estudantis e dos movimentos populares"*, advertiu Zé Maria.

Mas, por que não elegê-la durante o congresso? "Não elegemos a secretaria no congresso porque queremos que os cargos eleitos sejam revogáveis pela Coordenação Nacional", explicou Luiz Carlos Prates, o Mancha, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

Como parte de uma política de composição ampla e plural, o PSTU definiu ser minoria dentro da secretaria, reduzindo voluntariamente o peso que poderia ter em uma votação com proporcionalidade direta. Com isso, abre espaço para as entidades nacionais que compõem a Conlutas e para setores independentes. Prática oposta, por exemplo, à da Articulação na CUT ou do PCdoB na UNE, que inflam, através de manobras administrativas, o peso proporcional que deveriam ter a fim de controlar burocraticamente essas entidades.

POLÊMICA

Infelizmente algumas correntes não concordaram com tal critério, como foi o caso do bloco formado principalmente pela CST e pelo MTL-DI. Pela proposta da maioria da coordenação, essas correntes teriam uma representação de seis membros na secretaria. No entanto, esses grupos reivindicavam, juntos, oito membros.

A reunião da Coordenação acabou aprovando, por 132 votos a favor e 26 abstenções, a lista de 21 nomes propostos pela maioria da Coordenação. A votação obtida pelas duas correntes, proporcionalmente, lhes daria o direito de indicar três pessoas para a secretaria, ou seja, metade da proposta de seis que a maioria da coordenação lhes propunha.

Mais uma vez se comprovou o critério amplo com que se buscou compor a secretaria, dando um peso maior (na verdade o dobro) do que a proporcionalidade indicaria para esses grupos minoritários. No entanto, essas correntes, infelizmente, decidiram não compor a secretaria, ainda que sigam se comprometendo a construir a Conlutas.

"Esperamos que essas correntes revejam essa posição e ajudem a dirigir a Conlutas no dia-a-dia", afirmou Sebastião Carlos, o Cacau, bancário de Belo Horizonte.

70 ANOS DA QUARTA INTERNACIONAL

ALICIA SAGRA, da direção nacional da Frente Operária Socialista, seção argentina da LIT-QI

No dia 3 de setembro de 1938, em um congresso que durou apenas um dia, sob a terrível perseguição stalinista, foi fundada a Quarta Internacional. Assim terminava uma longa batalha contra a degeneração burocrática que Trotsky começou em 1923 e que Lenin havia iniciado um ano antes.

O ENFRENTAMENTO DO TERROR STALINISTA E A DEFESA DA URSS

A partir de 1933, quando a Terceira Internacional apóia a política desenvolvida pelo Partido Comunista Alemão que levou ao triunfo de Hitler e à pior derrota do proletariado alemão, Trotsky chega à conclusão de que não há tarefa mais importante e urgente que fundar a Quarta Internacional.

Essa era a única forma de preservar os princípios leninistas e estar preparados para o próximo levante revolucionário que, muito provavelmente, viria depois da guerra mundial que se aproximava.

A tarefa não foi fácil. Por um lado ocorria o avanço avassalador do nazismo. Por outro, o stalinismo, que havia negado a frente única operária para enfrentar Hitler, agora lançava a política de frente popular, ou seja, frente com a burguesia "democrática" como forma de enfrentar o fascismo. A isso se somava o ataque contra-revolucionário contra tudo o que restava da velha direção bolchevique.

Com os terríveis processos de Moscou, sob acusações falsas, foi aniquilada fisicamente a maior parte da direção bolchevique que participou da tomada do poder e que se enfrentou com Stalin, seja pela esquerda como pela direita. Assim foram caindo Zinoviev, Kamenev, Bukharin... Ao mesmo tempo em que os seguidores de Trotsky (entre eles seus filhos) morriam nos campos da concentração da URSS ou sob a ação dos carrascos que os perseguiam pela Europa.

A barbárie stalinista gerou uma corrente dentro do movimento pela Quarta Internacional que começou a propor que não havia motivos para defender a URSS, já que não se diferenciava do imperialismo. Em meio ao ataque stalinista, Trotsky desenvolveu uma incansável batalha contra essa corrente antidefensista, propondo a defesa incondicional da URSS diante de qualquer ataque imperialista. Dizendo ao mesmo tempo que a única forma de defender as conquistas de outubro era realizando uma revolução política que tirasse a burocracia do poder.

A BATALHA CONTRA OS CÉTICOS

Por outro lado, assim como durante dez anos Trotsky recebeu as críticas dos que opinavam que não se justificava a luta para reformar o Partido Comunista Soviético e a Terceira Internacional, agora a maioria de seus seguidores não estava convencida de que se deveria fundar a Quarta.

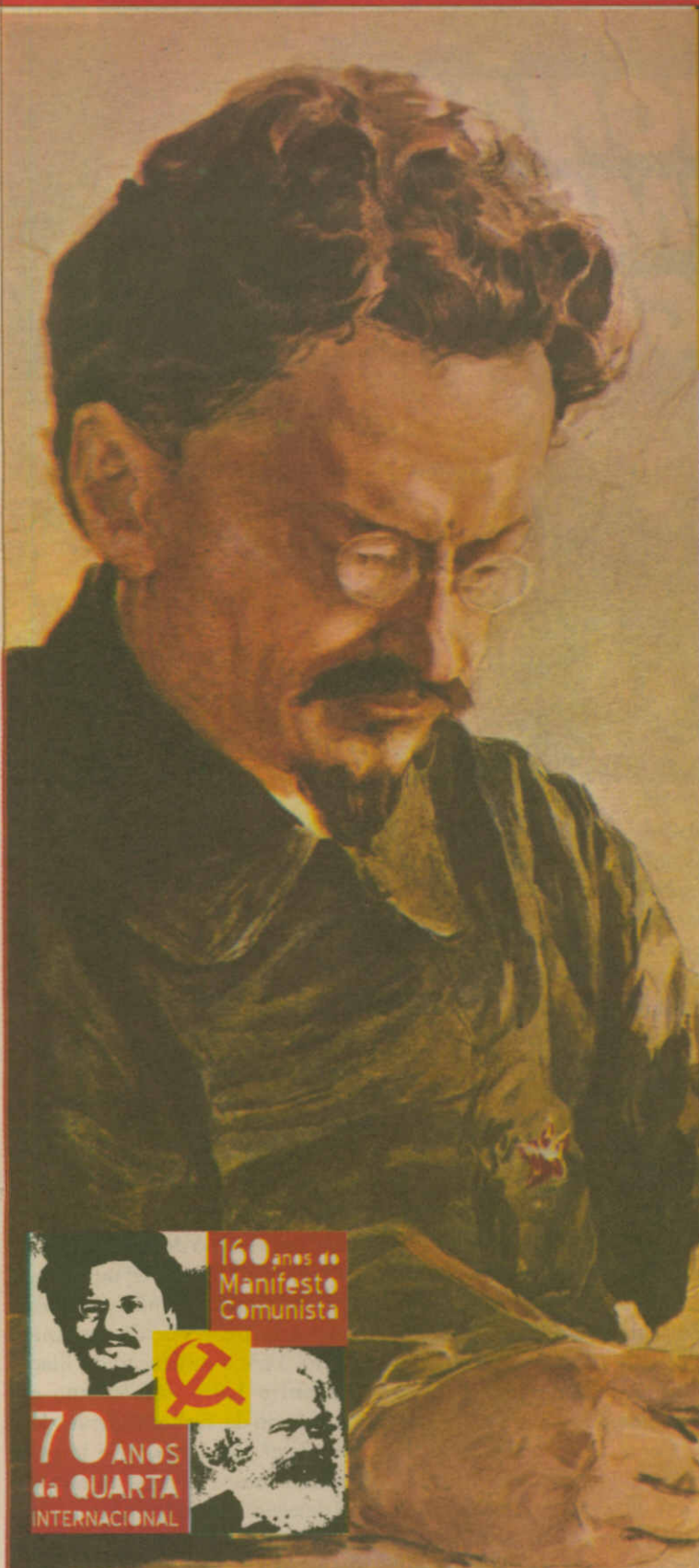
Os argumentos centrais eram muito parecidos aos que hoje muitas correntes usam para justificar não construir a Internacional: *"que ainda não havia chegado o momento"*, *"que iriam construir algo muito débil"*, *"que não se haviam dado os grandes acontecimentos da luta de classes que justificam sua construção"*... Em uma grande quantidade de cartas, várias vezes Trotsky responde a esses setores. No Programa de Transição volta a fazê-lo:

"Os céticos perguntam: mas chegou o momento de criar uma nova internacional? É impossível, dizem, criar uma internacional 'artificialmente', 'só grandes acontecimentos podem fazê-la surgir', etc. (...) A Quarta Internacional já surgiu de grandes acontecimentos: as maiores derrotas do proletariado na história".

"A causa dessas derrotas está na degeneração e na traição da antiga direção. A luta de classes não admite interrupção. Para a revolução a Terceira Internacional, depois da Segunda, morreu. Viva a Quarta Internacional!"

"Mas chegou o momento de proclamar sua criação? Os céticos não se calam. A Quarta Internacional, respondemos, não necessita 'proclamar-se', ela existe e luta. É débil? Sim, suas fileiras não são numerosas porque ainda é jovem. Por agora há principalmente quadros. Mas esses quadros são garantia do futuro".

"Fora desses quadros, não há no planeta uma só corrente revolucionária digna desse nome. Se nossa Internacional é débil numericamente, é forte por sua doutrina, seu programa, sua tradição, o temperamento incomparável de seus quadros".

Mario Pedrosa, delegado brasileiro presente na fundação da Quarta

Stalin era consciente do poder da Quarta, que reunia a experiência das três revoluções russas. Por isso, não descansou até conseguir "arrancar" a cabeça pensante da Quarta

A FUNDAÇÃO DA QUARTA

Finalmente, em 3 de setembro de 1938 é fundada a Quarta Internacional em Paris. Pelos problemas de segurança provocados pelo terror stalinista, Trotsky não participa. Dias antes havia sido seqüestrado é assassinado pela GPU um de seus secretários, Rudolf Klement, encarregado de organizar o congresso.

Pelo mesmo motivo o congresso dura apenas um dia e vota poucos documentos: o Programa de Transição, um esboço de estatuto que se informa oralmente (o texto original havia desaparecido com Klement), um manifesto contra a guerra, uma resolução sobre a juventude e cartas de saudações a Trotsky, aos camaradas assassinados e aos combatentes da Guerra Civil Espanhola.

Participaram delegados da União Soviética, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia, Holanda, Bélgica e Estados Unidos, mais um delegado representando a América Latina (o brasileiro Mario Pedrosa).

As organizações de todos esses países eram pequenas e como dizia Trotsky: *"Nossa organização é incomparavelmente mais difícil que a de qualquer outra organização em qualquer época (...) Não há nada no mundo que seja mais convincente que o êxito, e nada mais repulsivo, sobretudo para as amplas massas, que a derrota (...) É preciso juntar a degeneração da Terceira, de um lado, e de outro a terrível derrota da Oposição de Esquerda na Rússia, seguida de sua exterminação (...) A composição social de um movimento revolucionário que começa a se construir não tem predominância operária (...) Devemos criticar a composição social de nossa organização e modificá-la, mas devemos também compreender que ela não caiu do céu, que ela é determinada, pelo contrário, tanto pela situação objetiva como pelo caráter de nossa missão histórica nesse período"*.

Nahuel Moreno dizia que a Quarta havia nascido com uma cabeça de gigante e um corpo de anão. Stalin era consciente do poder dessa cabeça de gigante, que sintetizava a experiência das três revoluções russas. Por isso, não descansou até conseguir tirar a "cabeça" da Quarta. E conseguiu. Em 20 de agosto de 1940, um de seus enviados, Ramón Mercader, acabou com a vida de Trotsky, provocando uma ferida de terríveis conseqüências na recém-fundada Quarta Internacional.

A DISPERSÃO DA QUARTA E A NECESSIDADE DE SUA RECONSTRUÇÃO

A perda dessa cabeça de gigante deixou a Quarta em terríveis condições para enfrentar a Segunda Guerra Mundial, o ataque combinado do nazismo e do stalinismo e as grandes mudanças do pós-guerra. A debilidade e inexperiência de seus dirigentes os levaram a cair em desvios sectários em um primeiro momento, para depois capitular aos aparatos contra-revolucionários fortalecidos com o resultado da guerra, provocando um processo de dispersão que mantém até hoje.

Isso leva à contradição de que hoje, quando as massas do Leste Europeu deram o golpe de misericórdia no aparato central do stalinismo, a Quarta como organização não existe, apesar de seu programa ter sido confirmado pela realidade.

Não há tarefa mais importante e mais urgente que sua reconstrução porque, como disse Trotsky, *"sem condução, sem direção internacional, o proletariado não poderá se liberar da atual opressão"*.

Devemos encarar essa reconstrução não com a metodologia de autoproclamação ou através da realização de atos e conferências abertas, como fazem diferentes seitas que se reivindicam trotskistas. Devemos fazê-la com o método aplicado por Trotsky em sua construção: sem nenhuma autoproclamação e chamando os revolucionários a tomar de forma conjunta a luta revolucionária e a discussão programática.

Encarando essa discussão programática com paciência, sem ultimatismos, mas sem nenhuma diplomacia, de frente para as massas e sem esquecer outras normas da política revolucionária: *"Não se assustar sem necessidade e não assustar os demais sem causa, não fazer acusações falsas, não buscar capitulação onde não existe, não substituir a discussão marxista pelas disputas sem princípios"*.

Diário de campanha do PSTU

"O ATENTADO FOI UM CRIME POLÍTICO E ELEITORAL"

DIEGO CRUZ, da redação

No dia 23 de agosto, o presidente licenciado do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários de Macapá (AP) e candidato a prefeito pelo PSTU, Joinville Frota, foi vítima de um atentado. Para quem conhece a história de Frota e seu papel na cidade, não fica difícil entender o ódio contra o dirigente.

Trabalhador rodoviário em Macapá desde 1993, Frota foi cobrador de ônibus e desde 1999 é motorista. Foi cipeiro em 2001, mesmo ano em que foi demitido por denunciar a empresa em que atuava. Mesmo ano também em que entrou para o PSTU. Após uma forte mobilização, foi readmitido em 2002, quando também conseguiu ganhar o sindicato das mãos da CGT. Figura destacada no estado, foi o quarto candidato a deputado estadual mais votado em 2006.

Como líder sindical e agora candidato à prefeitura da capital do Amapá, Frota luta contra os interesses dos poderosos no estado, o que coloca sua própria vida em risco. O Opinião Socialista conversou com Frota, que falou sobre o atentado e a campanha eleitoral na cidade.

Opinião Socialista – Como foi o atentado?

Joinville Frota – Na madrugada do dia 23, bandidos subiram o muro da minha casa, jogaram uma garrafa de gasolina e lascaram fogo. Foi por volta das 2h45. Ainda bem que eu estava acordado no momento. A primeira a ser atingida seria a minha filha. Escutei a explosão e, quando olhei, vi aquele clarão. Levantei e vi o fogo na parede. Quando saí vi a garrafa de gasolina. Meus familiares levantaram. Minhas filhas, meus vizinhos, todos, traumatizados, conseguimos apagar o fogo. Esse atentado se dá pela luta que o sindicato desenvolve no estado. O setor dos transportes é o mais reacionário do país. Um setor que, por causa de um centavo, mata. E, no último período, temos imposto várias derrotas à patronal.

Esse atentado vem no marco de uma série de outros.

Exatamente, desde 2003 sofremos atentados. Este já é o quarto. No primeiro, invadiram a sede do sindicato e quebraram tudo. No segundo, em 2004, empunharam uma arma para a minha companheira. O terceiro foi este ano, quando tocaram fogo no sindicato. O quarto foi agora na minha casa. Isso do ponto de vista sindical. Quando vemos sob o ponto de vista político, isso se amplia. Não mexemos mais só com o setor de transporte, mas com toda a burguesia do estado. Por isso, foi um crime político e eleitoral, embora as autoridades do estado não queiram reconhecer isso.

Como está a campanha contra o atentado e a criminalização em Macapá?

O PSTU está sendo fundamental na campanha contra a criminalização que estamos fazendo, prestando apoio moral, financeiro, político. Pressionamos a OAB, que se comprometeu a mandar ofício cobrando providências das autoridades. Dois juízes do TRE foram em casa e chamaram a polícia técnica para realizar perícia. Divulgamos o crime à imprensa, que foi noticiado pelos principais jornais do estado. A campanha segue forte. Estamos exigindo investigação às autoridades, proteção policial e pedimos a solidariedade de todas as entidades e movimentos dos trabalhadores contra esse ataque.

DIEGO CRUZ

Além de dirigente sindical, você também é candidato à Prefeitura de Macapá. Como está o quadro eleitoral na cidade?

Macapá tem sete candidatos à prefeitura. Dois que estão eleitoralmente polarizados, uma falsa polarização entre PSB e PDT, ambos da base governista. Existe uma grande receptividade à nossa candidatura na base, nas feiras, nos bairros. Nossa candidatura se identifica para as massas como a candidatura das lutas. Agora vai ter o debate na TV e fomos excluídos. A base de rodoviários, da Conlutas, a população mais explorada começa a questionar: 'por que não chamaram o PSTU? É o único que faz diferença, que fala a verdade'. Isso reflete nossa campanha, que é a única que apresenta uma alternativa de luta para os trabalhadores, que denuncia a inflação, o preço dos alimentos e propõe uma saída da classe trabalhadora para esses problemas.

RJ: MAIS DE 500 ATIVISTAS LOTAM FESTA DE CYRO GARCIA VEREADOR

No último dia 12 ocorreu com muito sucesso a festa da campanha do candidato do PSTU a vereador Cyro Garcia e da Frente Rio Socialista, que reuniu mais de 500 pessoas. Chamou a atenção uma delegação dos estudantes da Uerj, que desde a semana passada ocupam a reitoria da universidade. Cyro já esteve presente na ocupação prestando a solidariedade do PSTU à mobilização dos estudantes.

A festa também contou com a presença do candidato a prefeito da Frente Rio Socialista, Chico Alencar (PSol), e da vice, Vera Nepomuceno (PSTU). Também compareceram delegações das categorias em campanha salarial, como os funcionários públicos estaduais, bancários e trabalhadores dos Correios.

Faltam três semanas para as eleições e o ritmo da campanha de Cyro só tem aumentado. Durante esta semana será concluída a distribuição dos panfletos específicos de bancários, educação, juventude, operários, funcionalismo federal e contra as opressões. No dia 17 acontece a plenária geral da Frente Rio Socialista. No dia 25 será realizada a plenária da campanha do PSTU, às 19h, no auditório do Sind-justiça. Já está programada também uma festa afro no dia 26 de setembro.

SP: DIRCEU TRAVESSO LANÇA PÁGINA NA INTERNET

A candidatura de Dirceu Travesso (PSTU) a vereador de São Paulo está agora também na Internet. Além de fotos e notícias, na página é possível acompanhar a agenda do candidato e participar das atividades. Também estão lá os vídeos da campanha na TV.

O endereço é www.dirceutravesso16016.can.br